

INTERAÇÃO E ORGANIZAÇÃO TÓPICA: UM ESTUDO DO DISCURSO PROFESSOR/ALUNO EM SALA DE AULA DE GRADUAÇÃO

Marise Adriana Mamede GALVÃO¹⁵

Resumo: Este trabalho tem como foco central a interação professor/aluno em sala de aula no ensino de graduação. Aborda a organização do evento do ponto de vista de uma interação com objetivos voltados para a construção do conhecimento, observando como os tópicos discursivos são gerenciados e desenvolvidos, em níveis de ordenação e subordinação que procedem de pontos mais gerais para os mais específicos.

Palavras-chave: Interação. Sala de aula. Tópico Discursivo.

Abstract: *This paper has as its main focus the teacher/student interaction in the classroom, in undergraduate teaching. It deals with this event organization from the viewpoint of an interaction that aims for the construction of knowledge, observing how the discursive topics are managed and developed through ordering and subordination levels that come from more general points to more specific ones.*

Key-words: *Interaction. Classroom. Discourse Topic.*

Introdução

Este trabalho enfoca a interação em sala de aula a partir de preocupações com questões de ordem linguístico/textual e de ensino/aprendizagem. Nesse âmbito, as indagações que nos orientam são resultados de pesquisas relacionadas à organização do texto/discurso, em situações específicas no ensino de graduação.

¹⁵.Professora Doutora do Departamento de Ciências Sociais e Humanas – UFRN Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – UFRN - marisemamede@gmail.com

Procuramos, nesse sentido, refletir acerca de como alunos e professores se orientam verbalmente em sala de aula, com relação aos recursos linguísticos, textuais, interacionais evidenciados no processo de ensinar e aprender. Nessa direção, são identificadas questões didático/pedagógicas, por exemplo, como os saberes são articulados oralmente no texto co-constituído, em salas de aula diferenciadas.

Esta discussão ressalta a importância da noção de interação, daí buscamos apoio nos postulados de Goffman (1983, p. 51), o qual salienta: “a influencia recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, enquanto presença imediata se constitui como uma situação social”. No caso específico dessa discussão, nosso olhar é dirigido às situações construídas pelos interactantes – professor e alunos, em evento de ensino/aprendizagem. Estes participantes da interação desempenham papéis diferenciados e se encontram em lugares e situações de assimetria, na maioria das vezes.

Subsidiamo-nos em outros autores, com relação à discussão acerca de interação, entre estes Kerbrat-Orecchioni (2006) que ressalta: “na interação face a face, o discurso é inteiramente ‘co-produzido’, é o produto de um ‘trabalho colaborativo’ incessante – esta é a ideia-força que embasa o enfoque interacionista das produções linguísticas” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p.11).

Assumindo esses postulados, buscamos orientação para analisar o que ocorre na sala de aula, no que concerne ao objetivo principal direcionado a tornar o aluno competente em conhecimentos específicos dos componentes curriculares de cursos de graduação. Como esses conhecimentos são postos em relevância na sala de aula? Quais as contribuições dos participantes na construção do texto, na direção dos objetivos da instituição durante situações de interação social?

É, pois, de fundamental importância realizar a descrição da aula/corpus de investigação, o que nos possibilita identificar as características do evento interativo. Adotamos os procedimentos e pontos de vista dos etnógrafos para a observação e coleta de dados (ANDRÉ, 1989; ERICKSON, 1982), a fim de constituirmos o *corpus* de investigação desta discussão. No tocante ao sistema de transcrição, baseamo-nos na metodologia proposta pelo NURC/SP para os estudos de textos orais (PRETI, 2008).

Seguimos a proposta de Matêncio (2001), no que se refere aos componentes de base dos eventos de interação verbal, a fim de descrever o evento aula. Em seguida,

discutimos sobre o tópico discursivo, unidade de análise por meio da qual é possível identificar a centração da aula e do conteúdo planejado, abordado, desenvolvido; seguimos, assim, as orientações de Jubran (2006), além de outros autores que discutiram sobre tópico na perspectiva textual-interativa, entre estes Fávero (1993), e Marcuschi (2008).

1 As interações em sala de aula

Matêncio (2001, p.79) classifica a interação didática em sala de aula e menciona que ela é constituída por eventos entre rituais e espontâneos, com base nos postulados de Erickson (1982). Segundo a autora, Erickson (1982) faz referências à existência do conhecimento de uma estrutura de tarefa acadêmica e outra de participação social, ao abordar o discurso em sala de aula. Na primeira, estaria envolvido um conjunto de limites providos pela lógica de sequenciação do conteúdo da aula. Na segunda estrutura há um conjunto padronizado de limites referentes à alocação de direitos e obrigações interacionais dos membros interactantes.

Na sala de aula, considerando as funções da escola e a posição hierárquica dos interactantes, existe o objetivo do professor -ensinar- e o do aluno -aprender. Esses objetivos nem sempre coincidem, podendo haver um ajuste interacional, comumente observado em qualquer evento. Nesse sentido, em sala de aula pode haver um foco direcionado a outras questões de interesse imediato dos participantes como: brincadeiras, conversas espontâneas, entre outras, entendidas como interferências do meio externo.

Para estudar a aula de língua materna, Matêncio (2001) examina o modo de funcionamento da interação e define algumas características que possibilitam a classificação como um dos gêneros por meio do qual o discurso didático se atualiza. Essa autora adota as considerações de Kerbrat-Orecchioni (1990) para situar os componentes de base dos eventos de interação verbal, a saber: o quadro espaciotemporal; os objetivos global e local; o número e a natureza dos participantes.

Matêncio (2001) adota alguns postulados de Erickson (1982) para propor uma tipologia da interação em sala de aula e, assim, classifica a interação didática com base

nos seguintes critérios: um evento que segue entre ritual e espontâneo; os conhecimentos envolvidos na produção da interação didática; o projeto didático; as relações de lugares e papéis; as diferentes dimensões comunicativas e operacionais.

Tendo em vista o objetivo de classificar as interações, reportar-nos-emos apenas a dois dos pontos discutidos pela autora, considerando as limitações na extensão de nossa proposta.

Um evento que segue um contínuo entre ritual e espontâneo

Há eventos com rotinas comunicativas mais rígidas do que em outros, observando-se: o *estatuto dos interlocutores*, com referência às posições hierárquicas e funções dos interactantes definidos pela instituição; o *aspecto espaciotemporal*, concernente ao roteiro que delimita o início, o desenvolvimento e fim da aula; a *finalidade da interação*, em termos de organização e tematização, quanto à preparação, ao desenvolvimento e à conclusão das atividades. Essa organização remete à abordagem de ensino, que reflete as características sócio-históricas - do saber ensinar - e a subjetividade, o que implica variações no estilo dos professores.

Faz parte do conhecimento comum que a instituição deve controlar a duração da aula, o estabelecimento de objetivos educacionais, o programa de ensino, a avaliação. Essa autoridade e a forma como os participantes compreendem o evento definem o grau de formalidade/informalidade no registro da língua e nas relações interpessoais.

O projeto didático

A existência de um projeto de interação, de gerenciamento do evento pelo professor, influencia na configuração da aula. No entanto, esse projeto pode ser mais ou menos flexível, considerando que há uma organização didática e discursiva, ao mesmo tempo, daquilo que é referência para o planejamento prévio. Esse projeto de interação previamente estabelecido tem em vista que uma aula é um evento institucionalizado, com objetivos e temáticas direcionados à construção conjunta do conhecimento. Assim, Matêncio (2001, p. 89) acredita que “o sujeito falante é orientado por um **querer fazer** e

um **querer dizer**, que se configuram ao longo da interlocução, e através dela”. Sem dúvida, a interlocução na sala de aula poderá não ser tão rígida, mas certamente procede do projeto didático do professor e da programação orientada pela escola.

Descrição de uma interação no ensino de graduação

A interação selecionada para estudo pode ser caracterizada a partir dos critérios estabelecidos por Matêncio (2008), com base nos postulados expostos na subseção anterior. Trata-se de uma aula de Filosofia I, no curso de Letras em uma Universidade Pública. De acordo com os dados, essa interação deveria ocorrer por meio de um debate antecedido pela leitura de dois textos definidos pelo programa do componente curricular. Nesse sentido, os alunos teriam que, em grupos, apresentar impressões sobre o texto, além de organizar questionamentos e sistematizar o conteúdo em foco.

Do ponto de vista do estatuto dos interlocutores, que vai definir se a interação é mais ou menos controlada, conforme a hierarquia institucional, observamos que o professor transfere aos alunos a função de direcionar o tópico discursivo e gerenciar o evento. Assim sendo, há um acordo tácito no sentido de que um grupo (no centro da sala) assuma o controle da aula, enquanto aos outros alunos é atribuído o papel de sistematizar os principais pontos evidenciados, por meio da escritura. Dessa forma, há a possibilidade de instauração de um ritual definido por etapas de apresentação e de questionamento orais, conforme fica patente no exemplo 1.

Exemplo 1

[...]

P bom pessoal ... é o seguinte ... e::h como nós havíamos combinado e::h vocês fariam a leitura ... não é? dos textos ... dos dois textos ... faziam as respectivas perguntas ... tá certo? E::h então (..) nós vamos aplicar aqui a seguinte técnica ... esse grupo que está aqui no centro é o grupo que vai discutir a partir da leitura ... tá certo? a partir da leitura que eles fizeram e::h eles vão trocar entre ELES algumas impressões sobre e::h essa leitura ... okay? E::h os dois textos tratam de quê?

As da linguagem ((todos ao mesmo tempo))

P da linguagem ... tá certo? então vocês tá (...)

A1 [((pergunta não compreensível))

P vocês:: ... podem ... tá certo? discutir o que:: que é que vocês perceberam do texto ((incompreensível)) eticétra ...

e também ... poderão usar ... não é? usar as perguntas para questionar uns aos outros ... certo? e vocês que tão de FOra ...vão pegar lápis e papel ... certo? e VÃO anotar os pontos ... vão ser uma espécie de relator anotando os pontos que eles discutiram (...)

A5 [mas tem que ir mais pra perto ou então eles tem que falar muito alto

P [okay? (..) tá bom?

A2 adorei

[...]

Identificamos no discurso co-construído que os alunos do grupo definido cumprem com as determinações institucionais patentes na fala do professor e iniciam a atividade acadêmica, podo em evidência a compreensão do texto lido, indicando o capítulo, autor e temática, conforme é explicitado no exemplo 2.

Exemplo 2

[...]

A3 bom gente ... aí vamos iniciar ... tá? na apostila ... a língua::gem ... de Buzzi ... ((incompreensível))

A2 iniciando a apostila da a linguagem

A3 apostila é ... a linguagem ... de B ((o autor))... todo mundo...

As. ((leem o título))

A3 primeiro capítulo ... a linguagem nos abre a realidade...

A9 então vamos partir do óbvio ... não é? isso aí tentando desvendar segredos ...

[o que é a linguagem?

P [vocês podem ficar aí ...discutir o que... o que ficou dessa leitura aí ... entendeu? não necessariamente tem que pegar pontos do texto ... não é?

A9 o que eu proponho é isso primeiramente o que é a linguagem? o que nós compreendemos como sendo a linguagem?

A7 ((incompreensível)) o texto a linguagem pelo que eu entendi ... é a identidade

[do ser humano

A9 [exatamente

A7 porque é o que diferencia ele do resto ...

A10 é ... diferente das outras

[...]

Apesar do cumprimento às determinações do plano de ensino, a interação muitas vezes rompe com a proposta, já que se instauram momentos mais simétricos, mais próximos ao que ocorre em conversações casuais, de acordo com o que é a seguir explicitado (exemplo 3). Observamos que o aluno A11 (sétimo turno) traz um exemplo da vida cotidiana para a sala de aula. Não há uma ruptura total com a temática da aula, mas com a forma e com o estilo que haviam sido adotados no transcurso do evento.

Exemplo 3

[...]

A7 o coRREto mas eu acho que o coRREto das palavras aí ... a gente pode dizer ... que é a Situação em que ela são corretas ... porque existe uma situação agora que é correto eu usar uma palavra ...

e existe outra situação que NÃO é correto eu usar ...

A1 é

A12 é verdade ... não ... aí é

A7 num é? então pode ser meio assim... as palavras corretas mas dependendo das situações ...

A11 adequada

P ((incompreensível)) meus parabéns ((risos))

A11 viu? teve um menino que passou na tevê a cabo que sofreu um acidente que teve/ num avião que teve ...

A5 foi aonde?

A11 *ai eu num lembro não ... na tevê a cabo ele tava dando uma entrevista ... né?*

ai ele di::sse: bem estou fazendo aqui uma homenagem e::h por causa do espetáculo que houve

quer dizer ... queria dizer tragédia ... né?

As. ((risos))

A12 *vi:::xe Mar:::ia*

A11 *ele quis dizer tragédia ... mas como ele num::: ((risos)) não sei*

A7 *pois é ... justamente ... a palavra não era correta nessa [situação*

As *[situação*

Com referência ao aspecto espaciotemporal, a interação é delimitada pelo tempo da instituição, tendo em vista as exigências do planejamento de ensino e aprendizagem. Assim, observamos os rituais de abertura e fechamento de etapas da interação, explicitados a seguir nos exemplos 4 e 5. O exemplo 4, constituído por comentários do observador, mostra o momento inicial do evento: os cumprimentos do professor, a organização do espaço, as definições com relação ao debate previsto. O exemplo 5 evidencia o que normalmente acontece em salas de aula, quando o evento chega ao final, claramente explicitado nos turnos inicial e final do professor.

Exemplo 4

((O professor entra na sala, cumprimenta os alunos e senta-se para organizar seu material. Há certo tumulto na classe, os alunos conversam ao mesmo tempo. O professor começa a organizar a sala, as carteiras são dispostas de maneira que formem dois semicírculos: um menor, no centro, com dez alunos (dois representantes de cada um dos cinco grupos que realizaram atividades em aulas anteriores) e outro maior, composto pelo restante da turma)).

Exemplo 5

[...]

P. então ESSA relação é muito próxima do/ a relação de linguagem em alguns povos é muito:: forte ... *mas é isso ...vamos:: continuar essa conversa na próxima aula ...*

A1 hum? e::h ...professor?

A12 o mesmo grupo ... é?

A11 com esse grupo aqui?

A8 aí a gente vai ler quantas apostilas?

P oi?

A17 não .. as duas não ...

A11 são as mesmas?

A17 as du/ só/ só a primeira

P são as mesmas

A1 próxima aula

[...]

A8 tchau professor

A17 é?

P é

A17 tá certo

As ((vozes simultâneas))

P não esqueçam de botar os nomes não

A1 professor e as questões? e as questões?

P *bora bora bora bora*

((Grande tumulto na sala enquanto os alunos vão saindo, à medida que entregam ao professor o relato da aula/debate que se encerrou.))

Com referência à finalidade da interação, o processo discursivo vai explicitando as atividades de ensino, mediadas por uma abordagem específica. Mesmo tendo sido

definido em aulas anteriores que haveria um debate, observamos que o objetivo vai sendo cumprido de outra forma, por meio de uma exposição dialogada, com vários participantes contribuindo com o discurso em torno da questão da linguagem, objeto de estudo, conforme interpretamos no excerto do exemplo 6. Esse excerto faz referência ao modo de focalizar a temática “discutir e questionar”, conforme a fala do professor, e “abordar os três pontos da apostila”, de acordo com o que explicita o aluno A1.

Exemplo 6

[...]

P. vocês:: ... podem ... tá certo? *discutir* o que:: que é que vocês perceberam do texto ((incompreensível)) eticétra ... e também ... poderão usar ... não é? usar as perguntas para *questionar* uns aos outros ... certo? e vocês que tão de fora ... vão pegar lápis e papel ... certo? E VÃO anotar os pontos vão ser uma espécie de relator anotando os pontos que eles discutiram ...

[...]

A1 assim ... pra gente entrar nessa nes: nessa apostila aqui nessa apostila de/sobre a linguagem ... é interessante que a gente/ que a gente fosse *abordar os três pontos que a apostila* coloca ... que é ... a linguagem nos põe à procura ... ling/ não

A12 nos abre a realidade

A1 a realidade ... primeiro ...a [procura

A12 [é

A1 e depois ... a convivência

A12 exatamente ((incompreensível))

[...]

Com referência ao projeto didático, os dados revelam o *querer fazer* e o *querer dizer* dos participantes, definidos pela necessidade de situar oralmente o discurso pautado em leituras prévias, cujo foco principal é a linguagem. Conforme observamos, é visível a preocupação do professor de fazer cumprir o plano acadêmico, por meio de um plano interativo preliminar. O exemplo que segue (7) evidencia a atenção que os

alunos devem direcionar ao que é dito, discutido, a fim de que possam sistematizar o conteúdo em uma espécie de relatório.

Exemplo 7

[...]

P *e vão então e::h atentos para ... fazer um relato do que eles ... discutiram ... okay? Depois e::h escrevam isso num papel que possa destacar e me entregar ao final*

A5 vi::xi Maria

As. ((falam ao mesmo tempo))

P okay?

((A8 faz uma pergunta e o professor tenta responder, porém muitos alunos falam ao mesmo tempo))

P não... olhe ... ((incompreensível))

vejam ... vocês não VÃO DIZER ... gente ... olhe ... preste atenção ...

A5 hum

P vocês não vão anotar palavra por palavra ... [entendeu?

A8 [só os tópicos

P *vocês vão sintetizar o que foi discutido aí ... tá?*

A7 do mesmo jeito que nas apresentações ((incompreensível))

P é:: mais ou menos por aí ... ta certo?

[...]

A descrição da aula com base em componentes da interação é de suma importância, já que possibilita a compreensão de aspectos de nosso interesse, entre estes a forma de organização do discurso da interação em sala de aula, cuja topicalidade é estabelecida na confluência do acadêmico e do social.

Após essa descrição, passamos a discutir a noção de tópico, postulando cumprir com os objetivos definidos na introdução da discussão.

2 A noção de tópico

Tópico é uma noção discutida por vários autores. Fávero (1993, p. 38) ressalta a ideia de assunto sobre o que se fala, a partir do que mencionam Brown e Yule (1983). A autora sugere que “ele é antes de tudo uma questão de conteúdo, estando na dependência de um processo colaborativo que envolve os participantes do ato interacional”. Nesse processo de partilhamento estão envolvidos na construção dos sentidos os conhecimentos de mundo, o conhecimento partilhado, as pressuposições, enfim, as circunstâncias em que a interação ocorre.

Há autores que ao discutirem sobre o tópico apontaram dificuldades em defini-lo, por implicar algo dependente do nível de investigação envolvido e de noções intuitivas. Para Bublitz (1988) o tópico exerce um papel fundamental na conversação, embora inicialmente se trate de um conceito amplo nas pesquisas sobre o discurso. Koch e Elias (2006, p. 151) focalizam a sequenciação textual enquanto “tipos de atividades realizadas pelo produtor para fazer o texto progredir, mantendo o fio discursivo”. Nessa discussão, as autoras tratam da progressão/continuidade tópica, sugerindo que quando falamos, centramos a atenção em um tópico, entendido preliminarmente como “aquilo sobre o que se fala” (KOCH E ELIAS, 2006 p. 173).

Marcuschi (2008) dedica uma seção sobre a temática da organização tópica, no capítulo do livro “Produção textual, análise de gêneros e compreensão”. Esse autor chama a atenção do leitor para a distinção entre tópico frasal e tópico discursivo: o primeiro de natureza sintática, restrito ao nível da frase, e o segundo de natureza semântico/pragmática.

Reconhecemos que a maioria das discussões sobre a questão parte das considerações de Brown e Yule (1983) sobre o tópico: aquilo sobre o que se está falando.

Pinheiro (2005, p. 22) ressalta que o tópico

serve para descrever o conteúdo sobre o qual se fala/escreve e sinaliza a perspectiva focalizada. Nesse sentido ele é visto como uma categoria analítica, de base textual-discursiva, ou seja, relaciona-se ao plano global da organização do texto. Mas é também uma categoria

interacional, pois é resultante da natureza interativa e colaborativa do discurso.

Ao se referir ao tópico, correlacionando discursos orais e escritos, Marcuschi (2008, p. 135) revela que estes possuem condições de produção diferenciadas, assim, têm organização e desenvolvimento também diferenciados. Por exemplo, na conversação, “a dinâmica tópica se desenvolve interativamente, sem planejamento prévio e com monitoração local, ao passo que o texto escrito segue um processo enunciativo mais calculado, na base de suposições sociocognitivas e planejamento de maior alcance”.

Jubran tem dedicado a maioria de seus estudos à temática do tópico discursivo, analisando dados da modalidade falada da língua, em quase todos os volumes da *Gramática do Português Falado*. Em discussão recente sobre a organização textual-interativa em um dos capítulos da “Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado” Jubran (2006) aborda a temática sob o título “Tópico discursivo”.

Neste trabalho, apoiamo-nos, principalmente, nas considerações de Jubran (2006), a fim de abordar o tópico discursivo na interação em sala de aula, um processo que é observado pelos analistas da modalidade falada da língua de forma prospectiva e retrospectiva. Segundo a autora, o tópico discursivo manifesta-se “mediante enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de um conjunto de referentes concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem” (JUBRAN, 2006, p.91). Trata-se da convergência para um assunto posto em relevância, considerando os conhecimentos compartilhados pelos participantes, as inferências e pressuposições, na dinamicidade da interação.

Propriedades tópicas

Jubran (2006, p.92) refere-se às propriedades definidoras do tópico: a centração e a organicidade; além disso, focaliza as marcas linguístico-discursivas de delimitação tópica. A centração é definida pelos seguintes traços:

- a) concernência: relação de interdependência semântica entre enunciados de um segmento textual – implicativa, associativa, exemplificativa, ou de outra ordem -, pela qual se dá a integração desses enunciados em um conjunto específico de referentes (objetos-de-discurso).
- b) relevância: proeminência desse conjunto, decorrente da posição focal assumida pelos seus elementos;
- c) pontualização: localização desse conjunto, tido como focal em determinado momento do texto falado.

A propriedade da organicidade se manifesta em dois planos: o pano hierárquico e o linear. No plano hierárquico observamos as relações de dependência -superordenação e subordenação - entre tópicos e, no plano linear, situamos as articulações intertópicas em termos de adjacências na linha discursiva.

Conforme a autora, a hierarquia configura níveis no plano vertical, indo dos tópicos mais amplos para os mais específicos. As relações que se estabelecem e interconectam tópicos no nível hierárquico formam quadros tópicos caracterizados, conforme Jubran (2006) por duas condições necessárias e uma possível, a saber: centração em um tópico mais abrangente (ST); divisão deste em tópicos co-constituintes ou subtópicos (SbTs) e subdivisões sucessivas desses subtópicos. Nesse aspecto, um tópico hierarquicamente superior pode passar a ser um supertópico, em relação ao outro que está na linha de subordinação, dependendo da visão do analista.

A linearidade é caracterizada pela continuidade e descontinuidade. A continuidade é definida por relação de sequencialidade, contiguidade entre segmentos tópicos. Já a descontinuidade é definida: pela introdução de um novo tópico, sem que o anterior tenha sido esgotado, podendo o original ser reintroduzido; quando um tópico é anunciado, mas não desenvolvido neste momento específico, podendo surgir em outro momento; quando um tópico já desenvolvido é focalizado em outro ponto do texto, distanciando-se de segmentos que são co-constituintes.

Quanto às marcas linguístico/discursivas de delimitação tópica, Jubran (2006, p. 109) menciona que elas permitem “precisar a segmentação tópica efetuada com base nos traços particularizadores da centração”, porém, conforme ressalta, trata-se de um critério auxiliar de segmentação, tendo em vista que são facultativas, multifuncionais, de natureza diversa e co-ocorrentes.

Neste trabalho, dada a limitação de espaço, definimos pela análise da hierarquia tópica na interação em sala de aula de graduação, na tentativa de observar, também, como o plano do ensino e aprendizagem é evidenciado no discurso da instituição.

Optamos por analisar os tópicos de dois momentos durante o evento. Um que envolve a organização da interação e outro, cujo foco são as questões evidenciadas pelos textos lidos seguindo a solicitação do professor.

A organização tópica hierárquica na interação em uma aula de graduação

De acordo com a descrição realizada, a aula de Filosofia I procedeu por meio de uma exposição dialogada. Tendo sido planejada para ocorrer em forma de debate, acreditamos que alguns ajustes puderam ser feitos pelos participantes, em função do objetivo maior de focalizar a temática *linguagem*. Desse modo, as evidências da topicalidade discursiva revelam as contribuições de grupos de falantes organizados e autorizados para o gerenciamento do conteúdo do conhecimento acadêmico.

Inicialmente, o foco da interação é na *organização do evento*, que pode ser analisado como um supertópico, objetivando orientar para a atividade acadêmica, definido o que deve ser dito e a forma, conforme o excerto que serve de exemplo (8).

Exemplo 8

Organização do evento

[...]

P bom pessoal ... é o seguinte ... e::h como nós havíamos combinado e::h vocês fariam a leitura ... não é? dos textos ... dos dois textos ... faziam as respectivas perguntas ... tá certo? E::h então (..) nós vamos aplicar aqui a seguinte técnica: Esse grupo que está aqui no centro é o grupo que vai discutir a partir da leitura ... tá certo? a partir da leitura que eles fizeram e::h eles vão trocar entre ELES algumas impressões sobre e::h essa leitura ...okay? e::h os dois textos tratem de quê?

((a turma responde em coro))

As da linguagem

P da linguagem ... tá certo? então vocês [tá

A1 [((pergunta não compreensível))

P vocês:: ... podem ... tá certo? discutir o que:: que é que vocês perceberam do texto ((incompreensível)) eticétara ... e também ... poderão usar ... não é? usar as perguntas para questionar uns aos outros ... certo? e vocês que tão de fora ... vão pegar lápis e papel ... certo? e VÃO anotar os pontos vão ser uma espécie de relator anotando os pontos que eles discutiram

A5 [mas tem que ir mais pra perto ou então eles tem que falar muito alto

P [okay? ... tá bom?

A2 adorei

A5 ((risos))

[...]

Após o momento de organização do evento, o tópico que vai traduzir a preocupação central relativa ao conteúdo acadêmico é identificado como *a linguagem*, já que toda a aula transcorre em torno dele. Conforme as expectativas, os alunos situados no grupo no centro da sala iniciam a exposição, de acordo com o exemplo a seguir. Este tópico pode ser considerado um segundo supertópico da interação, cobrindo outros tópicos que se subordinam na linha da hierarquia do discurso. Os exemplos 9 e 10 revelam como os tópicos se conectam e formam o plano de organização do evento, nesse segundo momento, em que o foco de atenção cumpre as determinações da aula de Filosofia I.

A partir do supertópico *a linguagem*, identificamos um quadro de referências tópicas que a ele se subordinam: *o que é linguagem*, *origem da linguagem* e *abordagens da linguagem*. No exemplo 09 há uma introdução explícita do supertópico, por meio das falas de A3 e A2, a partir da expressão “bom gente aí vamos iniciar”, seguida do estabelecimento da questão central do texto escrito estudado “a linguagem”. Interpretamos que inicialmente o tópico vai centralizar o questionamento “o que é a linguagem”.

Exemplo 09

O que é a linguagem

[...]

A3 bom gente ... aí vamos iniciar ... ta? na apostila ... a língua::gem ... de B.
((nome do autor)) ... ((incompreensível))

A2 iniciando a apostila da a linguagem

A3 apostila é ... a linguagem ... de Buzzi ... todo mundo...

As. ((leem o título))

A3 primeiro capítulo ... a linguagem nos abre a realidade...

A9 então vamos partir do óbvio ... não é? isso aí tentando desvendar segredos ...

[o que é a linguagem?

P [vocês podem ficar aí ...discutir o que... o que ficou dessa leitura aí ... entendeu? não necessariamente tem que pegar pontos do texto ... não é?

A9 o que eu proponho é isso primeiramente o que é a linguagem? o que nós compreendemos como sendo a linguagem?

A7 ((incompreensível)) o texto a linguagem pelo que eu entendi ... é a identidade

[do ser humano

A9 [exatamente

A7 porque é o que diferencia ele do resto ...

A10 é ... diferente das outras

[...]

No exemplo 10, as evidências do discurso indicam que o grupo que detém o poder da fala trata da *origem da linguagem*, cuja relevância é subordinada ao foco central anteriormente citado. Conforme interpretamos, a questão aqui posta em relevo pelos alunos esclarece que a origem pode ser vista sob o ângulo da religião ou da natureza.

Exemplo 10

Origem da linguagem

[...]

A9 essa colocação sua A. ... é a MESma questão que eu ia até ia discutir ela por aqui ... agora afinal ... ((incompreensível)) uma criação deles?

A10 [de Deus ... ou ela:?:? Ou foi um::

A9 [ou ela foi inventada ... tá?

A7 sempre tem que mexer com isso

A9 [é

A7 [((incompreensível)) podia deixar Deus quieto

A1 tem uma frasezinha que eu não sei se é nessa apostila A linguagem ... ou se é o homem, o que ele é? ... diz assim ... que/ é uma afirmação ... que a linguagem ela é natura/ tem sua função natuRAL mas a sua origem ela é convencional porque vai ter aqueles que vão dizer que ela FOI surgida de Deus ... que Deus nos deu ... tá? esse poder de linguagem ... e tem outros que vão dizer que não ... tá? ela simplesmente surgiu:::u depois/ na/ e::h a natureza que nos deu essa essa:: essa língua esse poder de linguagem ... eu acho que ainda no o hom/ o homem, o que ele é?

A7 eu vou/ eu vou dizer

[...]

Por meio do excerto que compõe o exemplo 11, o supertópico que ressalta as *abordagens da linguagem* é desenvolvido pelos participantes. No início do turno de A1, identificamos o estabelecimento explícito desse novo foco, que irá centralizar três pontos de importância no estudo do texto lido, a saber: *a linguagem nos põe a procura*, *a linguagem nos dá a realidade* e, por último, *a convivência*. Observamos que muitos outros subtópicos tornaram-se relevantes para a questão em pauta na aula, que durante a maior parte do tempo se desenvolveu em torno de *a linguagem*. Assim, esses subtópicos hierarquicamente foram conectados ao citado supertópico, constituindo outra camada de organização.

Exemplo 11

Abordagens da linguagem

[...]

A1 assim ... pra gente entrar nessa nessa:: nessa apostila aqui nessa apostila de/ sobre a linguagem ... é interessante que a gente/ que a gente fosse abordar os três pontos que a apostila coloca ...

que é ... A linguagem nos põe à procura ... A ling/ não

A12 ...nos abre a realidade

A1 a realidade ... primeiro ...a [procura

A12 [é

A1 e depois ...a convivência

A12 exatamente ((incompreensível))

A1 o que é que a gente pode entender com a/ a linguagem nos prõe/ nos põe[a realidade?

A10

[nos dá

A1 nos dá a realidade?

A3 ((incompreensível)) elemento ... ta? Indispensável para que a gente pudesse VER o mundo real ... realmente o mundo que estamos vivendo ... porque

A1 [o que a gente pode imaginar o que a gente pode pensar ...

A3 [ouvir

A1 [ouvir ... todos a/ todo/ tudo que/ o que nos envolve ...

que a gente possa/ que a gente pode fazer é através da linguagem

[...]

Podemos então propor um quadro que sistematiza os dois momentos da interação em sala de aula na graduação, a saber: o da organização do evento e da focalização do conteúdo do conhecimento acadêmico. Observamos que os tópicos se organizam com focos que ora se direcionam à interação, ora ao conteúdo acadêmico. Conforme a hierarquia tópica, o supertópico 1 possui centração na organização do evento, pondo em relevo um conjunto focal que orienta a atividade acadêmica; quanto ao supertópico 2, é direcionado ao conteúdo acadêmico, focalizando a linguagem, colocando em relevo 3 subtópicos: *o que é a linguagem, origens da linguagem e abordagens da linguagem*.

Considerações finais

Conforme o objetivo exposto, discutimos questões que são de interesse da perspectiva textual-interativa, tendo como corpus uma aula, portanto um evento interacional.

As perguntas que nos guiaram nessa discussão foram concernentes ao processo de organização discursiva de um evento ao mesmo tempo interacional e institucional. Nesse sentido, a descrição da interação, com base em componentes de base evidenciou que aulas seguem rotinas em torno dos objetivos da instituição, por meio de uma estrutura socialmente constituída.

Nesse sentido, vimos que há uma preocupação dos participantes no direcionamento do fazer acadêmico e do dizer especificamente. Sendo instituído o objetivo maior de ensinar e aprender, construir conhecimentos, o discurso revela uma organização voltada para os aspectos da abordagem, do plano prévio da aula.

Assim, a organização tópica no discurso predominantemente oral mostrou marcas do interacional e do linguístico, ao mesmo tempo, e dos saberes acadêmico e social. Observamos que a hierárquica constitutiva da organização ocorre em torno de duas preocupações: a de definir, organizar e controlar as ações em um determinado evento e o que deve ser dito nesse espaço de ensino universitário.

Referências

- ANDRÉ, M. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papirus, 1995.
- BROWN, G; YULE, G. **Discourse Analysis**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- BUBLITZ, W. **Supportive fellow-speakers and cooperative conversations**: discourse topic and topical actions, participants role and ‘recipient action’ in a particular type of everyday conversation. Amsterdam: John Benjamim Publishing Company, 1988.
- ERICKSON, F. Classroom Discourse as Improvisation: relationships between academic task structure and social participation structure in lessons. In: Wilkinson, L. C. (org.) **Communicating in the Classroom**. New York: Academic Press, 1982, p. 153-181.
- FÁVERO. L. O tópico conversacional. In. PRETI, D. (org.) **Análise de textos orais**. Projeto de estudo da norma linguística urbana culta de São Paulo (Projeto NURC/SP), São Paulo: FFLECH/USP, 1993, p. 33-54.
- GOFFMAN, E. The interaction order. **American Sociological Review** 48: 1983, p. 1-17
- JUBRAN, C. C. A. S et al. Organização tópica na conversação. In: ILARI, R. (org.), **Gramática do português falado**. vol II, Campinas: Editora da UNICAMP, 1996, p. 357-447.
- JUBRAN, C.C.A.S. Tópico discursivo. In. Jubran, C. C. A. S; Koch, I. V. **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: UNICAMP, 2006, p. 89-132.
- KERBRAT-ORECCHIONI, K. **Análise da conversação**: princípios e métodos. São Paulo, Parábola, 2006.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MATÊNCIO. M. de L. M. **Estudo da língua falada e aula de língua materna**. São Paulo: Mercado de Letras, 2001.
- PRETI, D. (Org) Normas para transcrição. **Cortesia Verbal**. São Paulo: Humanitas, (Projetos Paralelos – NURC/SP; v. 9), 2008, p. 17-18.